



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EM FACE DO TEMA “GÊNERO E SEXUALIDADE”: A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO COLÉGIO ESTADUAL DO ATHENEU NORTE - RIO - GRANDENSE (NATAL/RN)

Dannyel Brunno Herculano Rezende
PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
drezende@bol.com.br

Leiliane Cosme da Silva
PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Leiliane.100lei@hotmail.com

Marília Cirília Nascimento de Souza
PIBID - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mariliacirilia@yahoo.com.br

Resumo:

A presente proposta procura discutir as vivências educacionais de professores-bolsistas (PIBID/CS – UFRN) no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Parte-se da importância do planejamento e do desafio em ministrar aulas com o tema “Gênero e Sexualidade” para alunos do Ensino Médio da rede pública do estado do Rio Grande do Norte. O tema, geralmente polêmico, tem a sua relevância ao possibilitar acaloradas discussões sobre a diversidade sexual humana, pensar as diferenças e o respeito ao outro. Metodologicamente, o trabalho assenta-se em dados “etnográficos” que incorporam um conjunto de informações sobre a escola e a sala de aula. Conta com uma importante bibliografia destinada a subsidiar o debate sobre as questões de gênero e de sexualidade e referências de natureza pedagógica.

Palavras-chave: Experiência docente, Sequência didática, Gênero e sexualidade, Atheneu Norte-Rio-Grandense, Sociologia no Ensino Médio.

1. Introdução

A proposta de trabalho, “Em face do tema gênero e sexualidade”, tem origem nas experiências docentes de alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O artigo tem por objetivo fazer um relato das vivências profissionais realizadas na escola Atheneu Norte-Rio-Grandense (Natal/RN) durante o segundo semestre de 2014, na disciplina de Sociologia.

As experiências, que aqui serão relatadas, foram construídas tendo por base um importante aprendizado acerca da elaboração e execução de planejamentos sequenciados

voltados à sala de aula. De forma mais detalhada, abordar-se-á a vivência em lecionar as primeiras aulas por bolsistas PIBID/Ciências Sociais, — futuros professores de Sociologia —, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio da referenciada instituição. A prática aconteceu mediante o tema “Gênero e Sexualidade”, considerado por muitos ainda polêmico e de difícil diálogo no ambiente escolar.

É importante ressaltar que, socialmente, o tema da sexualidade causa, ainda, muita preocupação. No caso dos espaços formais de aprendizagem, um comentário em que se torne reconhecível o preconceito ou mesmo manifestação de um grupo de alunos em excluírem determinadas pessoas por sua orientação sexual no desenrolar de uma simples atividade de aula, torna evidente a importância do tema, ao se discutir questões referentes ao preconceito, às escolhas sexuais das pessoas, à diversidade de orientações existentes na sociedade e, principalmente, o direito ao respeito que todos têm.

O relato das experiências caminha nesse sentido, de mostrar como se deram, dentro das limitações reais, trabalhar o tema gênero e sexualidade de maneira metodológica com os discentes. A tentativa de trazer para a sala de aula conceitos e reflexões da Sociologia que dialogassem com a vivência dos alunos, o exercício para um desfazer de preconceitos e a construção do respeito à diferença.

Nesse sentido, sabe-se que a escola é responsável em educar os membros de sua sociedade, porém nem sempre tem se preparado adequadamente para isso e quando se trata de assunto de tal natureza, prioriza o corpo da mulher e em um determinado viés, normalmente pelo olhar das ciências biológicas ou médicas (ALTMANN, 2007).

Contrariando essa lógica, recentemente houve certo avanço no campo da educação ao inserir esses temas na escola através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nele a sexualidade vem sendo abordada a partir dos temas transversais, tendo em vista que o assunto já é corrente nos diversos ambientes educacionais, compreendendo desde conversas entre professores e grupos de alunos, ao próprio livro didático, que também começa a abordar tal realidade: normalmente, em três eixos principais: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de gênero” e “Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS” (ALTMANN, 2007).

A experiência docente aqui relatada, portanto, traz a orientação da Sociologia que, por meio de uma perspectiva mais crítica, procura pôr em questão muitas compreensões e, sobretudo, desfazer preconceitos. As vivências educacionais são sempre possibilidades de repensar a docência ao compartilhar os desafios e as saídas encontradas sobre determinados temas, principalmente questões que envolvem a sexualidade, tão recentes nas discussões do

ensino público, como também é a presença da Sociologia no Ensino Médio. Uma ciência importante no construir de uma sociedade mais aberta e plural e, com efeito, decisiva ao discutir o tema “Gênero e sexualidade”.

Assim, será relatado aqui, ainda que suscintamente, algumas das principais preocupações que ocorreram durante todo o percurso de elaboração dos planos e das intervenções em sala de aula, de como foi tratada a temática em pauta, de maneira a não ferir os valores dos discentes. A postura do professor em formação foi o de apresentar o tema aos educandos de forma simples e clara, buscando dialogar com as diferentes interpretações que tinham, tentando desfazer possíveis preconceitos socialmente existentes. Para tanto, contou-se com um planejamento que favorecesse, organizacionalmente, a intervenção em aula, as possibilidades metodológicas, a autonomia do educador, o diálogo e a concretização dos objetivos, entre eles, o aprendizado mútuo do docente e do discente. Isso porque o professor, na perspectiva do PIBID/CS, é antes um “educador-educando” e o aluno é um “educando-educador” (FREIRE, 1996).

2. Metodologia

O relato tem a sua sustentação em uma variedade documental reunida durante o processo de aprendizagem que vai desde um rico trabalho “etnográfico”, passando pelas anotações de avaliação da docência pelo professor-supervisor, materiais construídos para a sala de aula (planejamentos, materiais didático-pedagógicos, etc.), avaliações dos alunos e também indicações bibliográficas que orientam a escrita do texto, bem como a sua problematização.

Nesse marco, as reflexões postas, dialogam com o registro de campo, as anotações sobre a escola e a sala de aula, as conversas informais com os alunos e documentos fotográficos construídos durante as intervenções do PIBID na instituição. A coleta de tais dados se deu através de visitas de caráter etnográfico, focadas na caracterização e registro de informações pertinentes à realidade escolar. Referencialmente, para as leituras mais gerais sobre gênero e sexualidade, o relato se apoia nas contribuições das professoras Helena Altemann (2001; 2007) e Berenice Bento (2011), e nas questões que dizem respeito à pedagogia docente, se baseia nas interpretações do educador Paulo Freire (1981; 1983; 1996).

3. O PIBID de Ciências Sociais e o Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense

O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, é uma proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC), junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Governo Federal, que incentiva os alunos das licenciaturas das Universidades Federais para que tenham uma melhor formação profissional voltada à Educação Básica, inserindo-os na realidade da escola e estimulando-os à participação em atividades formativas, bem como busca capacitá-los cada vez mais ao exercício docente.

Nesse contexto, dentre os vários subprojetos do PIBID está o de Ciências Sociais da UFRN (PIBID/CS), atualmente inserido nas escolas estaduais do Rio Grande do Norte: Anísio Teixeira, Atheneu Norte-Rio-Grandense e Escola Berilo Wanderley, contando com a participação de 32 bolsistas, 3 professores-supervisores que atuam no ensino médio nas escolas supracitadas, sendo eles: Professor Ms. Augusto Vieira, Professor Ms. Dannyel Rezende e Professor Ms. Gustavo Petrovich e mais 2 Coordenadores: Professora Dra. Ana Patrícia Dias e Professor Dr. Douglas Araújo.

O subprojeto de CS está dividido em três subgrupos: “Leituras Sociais”, que pretende oferecer um melhor suporte na leitura e escrita voltada para a Sociologia; “Teatro do Oprimido”, que têm como características o exercício da criatividade e a consciência do corpo; e o subgrupo “Análise de Imagens” cujo objetivo é analisar e formar um olhar crítico sobre as imagens, criando, de modo geral, debates em torno de questões que sejam relevantes à sociologia (ALMEIDA, 2014).

Pode-se dizer que o subprojeto de CS está organizado em reuniões semanais, gerais, que acontecem às sextas-feiras pela manhã, nas quais se leem textos, se discutem as intervenções feitas pelos bolsistas nas escolas e planejam-se futuras ações. Há as reuniões por subgrupos, que ocorrem quinzenalmente para discutir textos específicos, pensar exercícios e aprofundar saberes nas áreas e há, também, as reuniões organizadas por escolas, as quais existem em alternância a essas últimas. São utilizadas para debater os planejamentos e orientar as intervenções nas escolas.

O PIBID/CS, ao buscar incentivar à docência, objetiva construir uma prática docente permanente que dialogue com a realidade das escolas e fomentem a construção e o aperfeiçoamento de metodologias que sejam relevantes na abordagem da sociologia na rede



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pública. Desse modo, pensando em uma formação cada vez mais consistente, o programa possibilita aos futuros professores uma importante imersão em sala de aula para que entrem, desde o início de sua profissionalização, em contato com o universo educacional básico, articulando teorias e práticas e promovendo trocas de experiências com os alunos e professores das escolas (ALMEIDA, 2014).

É, portanto, um destacado incentivo à prática de ser professor direcionada ao campo do Ensino Médio, melhorando a qualidade da formação de futuros docentes; potencializando o nível da licenciatura na universidade; investindo na escola pública, ao tentar transpor o gigantesco “muro” que a separa do meio acadêmico, como se fossem instâncias produtoras de saberes não relacionais; bem como possibilitando à educação novos caminhos para pensar a sociologia no Rio Grande do Norte (ALMEIDA, 2014).

Das instituições escolares acima citadas, a experiência docente se deu no Colégio Estadual do Atheneu Norte-rio-grandense. A escola está localizada no Município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, foi fundada no século XIX, em 1834, e é considerada a segunda mais antiga do Brasil (a primeira é o Ginásio Pernambucano, de 1825), fundada antes mesmo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (CASCUDO, 1961). Conforme Cascudo (1961), a palavra “Atheneu” faz referência ao “templo de Atenas” que na mitologia grega reporta-se à “deusa da sabedoria”. Pela escola já estudaram muitas personalidades de destaque do estado como Newton Navarro, Café Filho, Wilma de Farias e o atual Ministro da Previdência, Garibaldi Alves Filho.

Localizado em um bairro considerado de classe média alta, a antiga “Cidade Alta”, hoje centro comercial, o colégio conta com cerca de 1.132 alunos, nos turnos Matutino e Vespertino, sendo 18 turmas pela manhã e 10 turmas à tarde. O corpo docente conta com 43 professores e a administração com 25 funcionários, sendo 12 terceirizados e 13 concursados. A escola apresenta um formato de um “X” e possui, em termos de estrutura, 39 salas. Dessas salas, 18 como sendo propriamente salas de aulas e as demais divididas entre laboratório de informática, química, física e matemática, biblioteca, sala de vídeo, artes e música, sala de professores, coordenação pedagógica, direção, grêmios estudantil, cozinha, banheiros, etc., além dos novos espaços que foram replanejados com a recente reforma do prédio, como a quadra e o ginásio, um grande refeitório, um elevador e rampas de acessos.

Com relação ao corpo docente, o quadro geral é bastante amadurecido, isto é, formado por professores com muitas experiências e em fase de aposentadoria. De maneira abrangente, os docentes compõem a classe média da cidade, com alguns residindo no próprio bairro, onde

está instalada a escola. Há entre eles um sentimento de pertença à instituição, pois se trata de um estabelecimento tradicional do estado, a qual durante décadas construiu um nome, formando pessoas ilustres do RN, bem como se destacando por abrigar, em tempos idos, professores e intelectuais da envergadura de um “Câmara Cascudo”.

Os discentes, por sua vez, destacam-se por serem bem receptivos, curiosos e dinâmicos. Em trabalho de “etnografia”, os alunos mostraram-se atentos em destacar os espaços que a escola possui, assim como, em diálogos, trouxeram informações gerais sobre o corpo docente, a estrutura da escola e, até mesmo, os embates, representados pelo grêmio estudantil com a gestão escolar. Em sua maioria, são oriundos dos bairros populares de Natal, distribuídos, sobretudo, na Zona Norte, Oeste e Leste da cidade, assim como muitos advêm das cidades vizinhas, destacadamente os Municípios de São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Macaíba e Parnamirim, que compõe a região Metropolitana de Natal.

4. Gênero e Sexualidade: experiências, resultados e discussão na construção de saberes em sala de aula

Ao fazer parte do PIBID, a vida docente começa a ganhar sentido com os diálogos permanentes durante as reuniões e planejamentos na universidade. É o início de uma ação transformadora que a prática aperfeiçoará ao tornar real a experiência de ser professor. Nesse sentido, é necessário que toda intervenção no campo da educação seja planejada — refletida, discutida, compreendida —, para que a atuação seja marcada por um maior aprendizado, seja pelo docente que aprende ao ensinar, seja pelo discente que ensina ao prender (FREIRE, 1996).

Partindo dessa perspectiva, o planejamento para as intervenções (definidas para ocorrerem no segundo semestre de 2014, o que corresponde ao quarto bimestre nas escolas) era feito nas quintas-feiras, na sala do programa de bolsas na universidade. As reuniões contavam com um número de 11 professores-bolsistas e do professor-supervisor, os quais, excetuando-se o último, teriam seus aprendizados em turmas específicas, atuando (em sua maior parte) individualmente ou em duplas, e, em no máximo, duas turmas na escola. As intervenções contemplavam as variadas séries: 1º, 2º e 3º anos e as aulas ocorriam nas segundas e terças em todos os horários.

A proposta para esta fase de organização abrangia a elaboração de uma sequência didática pensada para três dias de atuação. A sequência possibilitaria construir uma

experiência de maneira aprofundada e sistemática, com maior encadeamento de raciocínio, articulação de tarefas, possibilidades de orientação de conteúdos, permanência do professor na sala de aula e vínculo com o aluno, entre outros. Aprofundando a aprendizagem e tornando real o “ser professor”.

Essa nova postura metodológica rompia com a tradicional ideia de trabalhar o planejamento por unidade de aula, isto é, a construção de planos voltados para intervenções específicas ou pontuais, sem, muitas vezes, dialogar com outras aulas a ser ministradas pelos docentes. Havia também, entre outros desafios, questões de limitações de estratégias pedagógicas e implicações referentes à autonomia do professor. O sequenciamento, portanto, significava uma nova orientação para o programa, tendo sua origem nas experiências do Atheneu Norte-Rio-Grandense.

De modo geral, uma sequência didática compreende um conjunto de atividades planejadas pelo docente, etapa por etapa, para que o entendimento do conteúdo seja alcançado pelos discentes. Sucinta um plano de aula, porém é mais amplo que este por abordar várias estratégias de ensino e aprendizagem e por ser uma sequência de vários dias (KOBASHIGAWA, 2008).

Em se tratando da presente vivência, a sequência didática foi organizada a abordar, como dito, o tema “Gênero e Sexualidade”. Tinha-se como objetivo iniciar as discussões sobre questões de gênero e de sexualidade na sala de aula, tendo em vista os saberes e conhecimentos práticos dos alunos sobre o assunto; Nesse sentido, a pesquisa dos conteúdos necessários ao planejamento das aulas e a fundamentação do professor basearam-se nos livros didáticos do Ensino Médio e referências outras de estilo mais acadêmico, as quais vieram como importantes indicações para a formação docente no tema. Além disso, também foram úteis pesquisas de artigos em revistas e em sites especializados na área, compondo um todo.

Na organização dos conteúdos, prezou-se pelo formato de elaborar, para uma primeira aula, uma introdução geral ao tema, tendo início nas percepções e falas dos alunos. Em sequência, optou-se por aprofundar o conteúdo com um leve foco nas questões de gênero e, em seguida, realizar uma abordagem da sexualidade, voltada, sobretudo, ao entendimento crítico dos papéis e estereótipos sexuais socialmente construídos.

Metodologicamente, o planejamento buscou contemplar variadas abordagens didático-pedagógicas para os três dias de aulas, com exposição do tema e discussão de conteúdos, desenvolvimento de atividade escrita e reflexiva, bem como dinâmicas de grupo, as quais faziam uso do corpo, com improvisações teatrais em sala de aula. Do ponto de vista da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

avaliação, optou-se pelo caminho em que, a cada aula, se avaliaria o aprendizado discente. Dessa maneira, foram encaminhadas continuamente a avaliação da participação em debates, a construção de pequenos textos, a partir de atividades específicas e o desenvolvimento de dinâmicas corporais.

Assim, depois do planejamento, já era a hora de realizar as intervenções, de construir o saber na prática. Na primeira aula, buscou-se adentrar na temática, a partir de uma exposição geral do assunto, de alguns questionamentos e de ouvir, pedagogicamente, o que os alunos tinham para contribuir (FREIRE, 1996). Questionou-se, inicialmente, “o que era gênero?”, “o que era sexualidade?”, “diversidade sexual”. Descobriu-se conceitos, muitas vezes populares, referentes aos órgãos sexuais masculinos e femininos. Interrogou-se sobre “práticas e desejos sexuais”, “moralidade”, entre outros assuntos. Etapa em que se ouviu mais do que se expôs, espaço de iniciação do debate e de reflexão panorâmica do tema. Momento para observar os distintos pontos de vistas.

Na segunda aula, o objetivo era relacionar os conteúdos sobre as questões de gênero e da sexualidade que foram debatidos à percepção que tinham das instituições sociais as quais faziam parte. Entre elas, elencou-se a família, a escola, a sociedade e os amigos. O diálogo sobre instituições sociais é feito com turmas de 1º ano, quando se discute socialização. Como se tratava de turmas de 2º ano, retomou-se, rapidamente, as orientações e seguiu-se com a atividade. Ao fim da aula, colheram-se pequenos textos com os pontos de vista deles, e iniciaram-se o debate, orientados por perguntas do seguinte escopo: “como a família ver as questões da homossexualidade?” “E a Igreja?” “Os comportamentos e vestimentas típicos de um gênero?” “Os amigos, o que acham?” “E na escola, como são tratadas as diferenças de gênero?” Etc.

A partir das vivências, puderam expor suas percepções, fazerem “graça” com o tema, ironizar e, até mesmo, tornar públicas as angústias e “violências simbólicas” socialmente compartilhadas (BOURDIEU, 2001). Foi possível perceber nas falas dos alunos que as instituições podem se tornar reprodutoras de violências e de segregação social. A escola, por exemplo, potencialmente, contribui para a legitimação das desigualdades sociais e o sancionamento das heranças culturais como sendo algo natural (PILETTI; PRAXEDES, 2010).

Nesse sentido, a proposta básica era perceber os desafios sociais presentes no tema da sexualidade, a construção da problemática em torno do assunto e a abertura para as possibilidades de aprendizagem. Para além disso, os alunos ensinaram muito sobre a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sexualidade no universo jovem, seus problemas e desafios cotidianos, dando pistas de como dialogar com essa realidade no ambiente escolar (ALTMANN, 2007).

Para a terceira e última etapa da sequência foi planejada uma dinâmica denominada “Invertendo os Papéis”. Sugeriu-se que os discentes se dividissem em grupos e cada grupo ficasse responsável por construir uma cena que envolvesse a temática em pauta. Para isso, deveriam discutir os papéis que cada um assumiria e como iriam desenvolver no conjunto. Uma vez pronto, haveria uma inversão de papéis em que os meninos fariam papéis de meninas e vice-versa. Ao final da dinâmica, iniciaria uma breve reflexão acerca do que foi desenvolvido.

A proposta foi realizada por dois grandes grupos, com alguns alunos da turma não se sentindo à vontade em participar, por motivos da timidez. Porém, avaliando ao final o desempenho dos grupos atuantes e participando no debate. Uma equipe abordou a reação da família quanto ao descobrimento da orientação sexual do filho e a outra, encenou uma situação de aversão social de um grupo de pessoas heterossexuais, quanto à aproximação de homossexuais em um ambiente, como a escola (Fig. 1 e 2).



Figura 1. Alunas refletindo sobre a intervenção realizada. Foto: Leiliane Cosme.



Figura 2. Alunos e professores pós-exposição teatral. Foto: Leiliane Cosme.

A partir das orientações do planejamento, as atividades e discussões iam sendo realizadas com o objetivo de que os alunos entendessem minimamente a complexidade do tema (percebendo, por exemplo, que através de gestos e expressões corporais, é possível decifrar na sociedade um forte preconceito) e a importância, entre outras, do respeito e da não discriminação de um ser humano por sua orientação sexual (BENTO, 2011). Inclusive, os discentes trouxeram em suas falas mais exemplos próprios ou vivenciados por amigos. Acentuando que tal realidade, está muito mais próxima do que se imagina (ALTEMANN, 2001).



Pode-se dizer, de maneira ampla, que a experiência docente permitiu aos educadores envolvidos o conhecimento de elaborar um planejamento, construir um saber sobre o tema, aprender a sequenciar, na prática, as aulas, relacionando-as. Permitiu também uma maior permanência na sala de aula, criando vínculos com os alunos e uma aprendizagem no desenvolvimento de propostas pedagógicas diferenciadas que atingissem uma variedade de educandos.

Possibilitou, ainda, aprender a dialogar durante o debate e articular um tema polêmico e de difícil entendimento. Pois, teve momento em que ficou evidente a confusão de expressões, postas por professores e alunos, que hora não eram entendidas, hora já tinham sido ressignificadas socialmente pelos últimos. Sem contar com a competência que tinham os discentes em discutir o assunto e a argumentar a favor ou contra as situações relacionadas ao preconceito. Foi possível tornar as aulas mais dinâmicas e adquirir certas habilidades para trazer soluções surgidas na prática da sala de aula.

Por fim, as aulas ministradas trouxeram sua contribuição aos alunos ao possibilitar o desenvolvimento da criticidade. O debate se constituiu como o principal meio da produção do conhecimento. Esta orientação foi possível, graças ao entendimento de que o diálogo é uma ferramenta, por excelência, capaz de gerar criticidade (FREIRE, 1983; 1996). Assim, a palavra não poderia ser apropriada pelo professor. Ela era posta em circulação, permitindo ao discente expor suas ideias e “construir o seu próprio mundo” por meio da reflexão sobre o tema (FREIRE, 1981; 1983). Há ainda que se acrescentar o desenvolvimento de habilidades corporais na representação teatral e na perda da timidez, atividades protagonizadas pelos educandos na construção do saber.

5. Conclusão

Diante de todas as considerações feitas, ressalta-se que a vivência docente relatada, ainda que restrita ao Colégio do Atheneu Norte-Rio-Grandense, faz parte de um conjunto de ações e estratégias que vem sendo constantemente (re)elaborada e (re)discutida, semanalmente, no PIBID/CS, com o intuito de contribuir para a formação qualificada dos estudantes do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFRN.

A preocupação é com a formação pedagógica dos futuros docentes de Sociologia. Desenvolver habilidades didáticas para a sala de aula com a pretensão de que o entendimento dos conteúdos da Sociologia não se configure como sendo algo inacessível aos universos dos

alunos do Ensino Médio. O Exemplo a ser compartilhado veio de uma sequência didática ministrada pelos professores-bolsistas PIBID/CS com um tema ainda difícil de ser abordado nas escolas, cercado de preconceitos por todos os lados.

A experiência possibilitou a reflexão de que o tema da sexualidade necessita ser (re)discutida socialmente, principalmente, no ambiente escolar que é um espaço, a princípio, de compartilhamento de saberes. Trata-se de um campo vasto de discussão ainda a ser explorado pelo docente e que, evidentemente, envolve o destacado papel de a escola em construir pontes para a problematização e diluição de preconceitos. No caso em destaque, foi a simples experiência de algumas aulas. Contudo, foi possível identificar as grandes possibilidades de debates. Pois, havia entre todos, mais interrogações do que respostas.

Constatou-se que a participação dos educandos ao longo de todo o processo foi motivadora à consecução das etapas sequenciais, ainda que a temática posta seja cercada de desafios. Percebeu-se também que os educandos mostraram seus posicionamentos no diálogo e que boa parte das informações ditas e lembradas em sala foram problematizadas por eles. Pôde-se auferir na prática que o planejamento, uma vez estrategicamente organizado a favorecer o diálogo, permite um despertar da criticidade dos alunos, que, nas muitas vezes, fica ausente devido às poucas oportunidades apresentadas à exposição de seu pensamento.

Com efeito, além do conjunto de saberes elencados, a prática docente permitiu ampliar a visão de que a relação professor-aluno é fundamental ao ensino, pois o conhecimento acontece favoravelmente na relação afetiva, construída durante o processo de ensino-aprendizagem. Quando o educando tem afeto pelo educador, abrem-se maiores possibilidades para a construção do conhecimento (LIBÂNEO, 2013). Paulo Freire (*apud* GADOTTI, 2005) acentuou bem essa dimensão da pedagogia, pautada na sociabilidade do espaço escolar. Nas relações humanas que se criam para além da sala de aula, no respeito ao estudante e aos demais trabalhadores e trabalhadoras que fazem a escola, pois o professor “é gente”, o aluno “é gente”, os demais profissionais da escola “são gente”.

Quando se trata em discutir a sexualidade, a dimensão das relações humanas vem à tona, pois fala do respeito às diferenças, dos possíveis efeitos simbólicos do discurso proferido (BOURDIEU, 2001), das ausências em sala de aula que o docente não é capaz de captar imediatamente, entre outros. Como diz Freire (1981; 1983), a educação além de tudo tem que ser crítica, pois nada mais importante do que um indivíduo que, compreendendo os aspectos da sociedade na qual faz parte, seja ele também um ser atuante. Que o relato de

experiência aqui posto seja, assim, minimante, uma motivação à atuação docente com coerência.

6. Referências

ALMEIDA, J. A. de. et al. Percepções freiriana sobre a educação: a escola como tecido de relações humanas. IN.: **ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS**, 5, 2014, Rio Grande do Norte. Anais... Rio Grande do Norte: UFRN, 2014.

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em revista**. Educ, n. 46, Belo Horizonte, dez. 2007.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista de Estudos Feministas**. v. 9, n. 2, Florianópolis, 2001.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**. v. 19, n. 2. Florianópolis, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Ateneu norte-rio-grandense**, Natal, 1961. (Coleção Juvenal Lamartine).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Institut international des droits de l'efant (IDE). Suisse, 2005.

KOBASHIGAWA, A. H. et al. Estação ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica**. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www. cienciamao.usp.br](http://www.cienciamao.usp.br) >. Acesso em: 05 de out. de 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2013.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Sociologia da educação: do positivismo aos estudos culturais**. São Paulo: Ática, 2010.